

# E o mundo não acabou!

Inaldo da Paixão Santos Araújo

“E a terra tremeu,  
Tremeu, tremeu, tremeu!  
E o céu mudou de cor”  
(A Terra Tremeu, tema do Bloco Muzenza)

**A**mos! Permitam-me chamá-los assim, pois qual melhor palavra para designar aqueles que acreditam no bem, na paz, na comunhão dos povos e das crenças e na caridade? Portanto, vocês, meus amigos, que compartilharão desta celebração religiosa com a participação de Adenauer Novaes - Segmento Espírita; do Padre Carlos André da Cruz Leandro – Segmento Católico; do Pastor Djalma Torres – Segmento Evangélico; do Sacerdote José Raimundo Troccoli - Segmento Umbandista; de Makota Valdina Pinto – Segmento Candomblecista; e do Rabino Uri Lam - Segmento Judaico, nesta bela manhã de quinta-feira, 19/12/2013, mesmo que chovendo, talvez se lembrem que há exatamente um ano o 13º *baktun* (período de 144 mil dias) do povo Maia findou-se. Contudo, as sombrias profecias, atribuídas à civilização pré-colombiana, que surgiu por volta de 2.500 a.C., não se concretizaram.

O planeta "Nibiru" não apontou, inesperadamente, no espaço, os polos terrestres não se inverteram, tampouco ocorreu uma tempestade solar para provocar o cataclismo. A terra não tremeu, o céu não mudou de cor. Em resumo, o mundo não acabou.

De igual modo, se o sol amanheceu radiante nesse lado do hemisfério é porque o planeta água, de cor azul, paradoxalmente chamado de Terra, continua pairando majestosamente nesse infinito cósmico de meu Deus.

Felizmente, para a maioria, a interpretação apocalíptica não prevaleceu e os especialistas estavam corretos. O tão propalado 21/12/2012 (lembraram agora?) correspondeu, tão somente, “à restauração do calendário, como se

fosse uma virada de milênio”. Afinal, os maias, como me informa o oráculo dos tempos modernos, não criam em uma “ideia linear de tempo”, portanto, não podiam cultuar o fim, ao cabo da reta. Em síntese, calendários serão sempre meras convenções dos povos.

Mas antes que vocês, meus caros amigos, pensem que eu estou debatendo certo tema com atraso, apresso-me a dizer que o azo deste breve comentário é somente para registrar que creio, como espécie do “reino hominal”, que ainda viveremos por muito tempo no terceiro planeta solar. Logo, devemos ser mais responsáveis com as gerações vindouras e compreender esse nosso atual estágio como mais uma oportunidade de transição, em busca de um mundo melhor, mais justo e mais humano.

Para aqueles que acreditavam e acreditam no juízo final, vamos aproveitar mais essa dádiva e caminhar juntos, a partir do próximo ano e nos vindouros, em busca de uma nova realidade, de uma nova crença, de uma nova esperança, num novo galopar, pois 2014 é o ano do cavalo no calendário chinês.

Até onde pude pesquisar, o ano do cavalo é um tempo favorável ao progresso, à ação e para desenvolver projetos com velocidade e eficiência. Apesar disso, cada ano novo somos nós que construímos, não é mesmo?

Somente para não esquecer, 2013 nesse mesmo calendário foi o ano 4711 – ano da serpente.

Porém, calma! Para esse povo milenar, o ano da cobra não significou um momento difícil ou de traição. Representou, apenas, um período de muita sorte, amor e sabedoria. Foi uma “temporada de muita reflexão, planejamento e procura por respostas”. Respostas que, apesar de toda a ciência, filosofia e religião, ainda demoraremos muito para encontrar.

Contudo, isso não é motivo para o desespero, tampouco para a angústia. Entretanto, se ela insistir em vir, lembre-se do Salmo 119:1 (O canto das peregrinações) e, na hora da tribulação, clame ao Senhor, pois

Ele o atenderá. Oremos, pois, sempre, ao Pai.

Dessa forma, enquanto o apocalipse, com suas quatro bestas, não surge, aproveitemos cada dia dessa Nova Era para transformar o nosso ser, buscando, realmente, fazer jus ao título de filhos do Pai, mesmo que Deus – ou os deuses, denominados de *bacabs* pelos maias – seja, apenas, realmente, astronauta oriundo da fronteira final.

Em arremate, mesmo não sendo um muzenza, rogo para que Xangô guie nossos passos em 2014 — com ou sem cavalo, mas com muita justiça — e em todos os anos vindouros [...] Assim, meus amigos: boa celebração e felizes anos novos.

\*Mestre em Contabilidade, Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado, Professor e Escritor.

Ps: Publicado com adaptações no A Tarde, de 26;12;2013